

Pedro Tomé Martín
(ed.)

REFLEXIONES RAYANAS

Volumen 1



Los contenidos expresados en el libro son de exclusiva responsabilidad de sus autores. La Asociación de Antropología de Castilla y León Michael Kenny solamente se hace responsable del interés científico de la obra.

Reservados todos los derechos por la legislación en materia de Propiedad Intelectual.

Esta obra está licenciada bajo la Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivar 4.0 Internacional.



Para ver una copia de esta licencia, visita <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.

Colaboran:



CSIC
CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS



© De los textos. Sus autores
© De la edición. Pedro Tomé y Asociación de Antropología de Castilla y León "Michael Kenny"
Imagen de cubierta: "El Barco de Ávila".
Grabado de Jorge Perellón.
(<http://www.tallerdejorgeperellon.com/>)
Diseño de Cubierta: Andrés Rodríguez (CCHS-CSIC)

I.S.B.N.: 978-84-617-6634-5

D.L.: AV-61-2017

Impresión: Imagen Gráfica de Ávila, S.L.

Pol. Ind. Las Hervencias

C/ Río Tera, 52

05004 Ávila

Impreso en España

Prólogo: An
Luis D

Reflexiones
Pedro

Celebración
María

Festivaliza
Jorge

Desarrollo
José

Etnografía
Manu

Investigar
exhumación
Franc

Presas por
e tránsitos
Paul

Desplazad
(España).
Migu

A patrimo
desenvolv
do Baixo A
Dulc

Patrimoni
Carr

Pintura de
Passagem
Ant

ÍNDICE DEL VOLUMEN 1

Prólogo: Antropologías en que reconocerse: mirando más allá de las fronteras. Luis Díaz Viana	3
Reflexiones rayanas. Pedro Tomé	5
Celebraciones. Évora patrimonio mundial. María Cátedra	9
Festivalização e políticas públicas: Lorient e o fil numa leitura lusitana. Jorge Freitas Branco	39
Desarrollo y sostenibilidad sanitaria: un debate de derechos y mercancías. José María Uribe	49
Etnografía e pensamento crítico na antecâmara de políticas públicas. Manuela I. Cunha	75
Investigar el laberinto. Etnografías de respuesta rápida en el estudio de las exhumaciones de fosas comunes en la España contemporánea Francisco Ferrándiz	89
Presas por um fio: costumeiras de Verín, modalidades da produção têxtil local e trânsitos mundiais. Paulo Godinho	103
Desplazados por el desarrollo: Temacapulín (México) visto desde Riaño (España). Miguel Ángel Casillas Báez	127
A patrimonialização e turistificação das práticas culturais como estratégia de desenvolvimento sustentável: contradições, incertezas e expectativas na raia do Baixo Alentejo. Dulce Simões	149
Patrimonio mundial: advocaciones para el desarrollo en el Pirineo catalán. Camila del Marmol Cartaña	171
Pintura de paisagem, etnografia e nacionalização da cultura: Na Barca de Passagem em Serreleis. António Medeiros	191

PRESAS POR UM FIO: COSTUREIRAS DE VERÍN, MODALIDADES DA PRODUÇÃO
TÊXTIL LOCAL E TRÂNSITOS MUNDIAIS⁶²

PAULA GODINHO

Dep. Antropologia e Instituto de História Contemporânea
Universidade Nova de Lisboa

(...) le travail de l'ethnographe travaillant en milieu dominé nous paraît être éminemment politique dans la mesure où il aide à faire advenir une parole ou des expériences sociales qui sont d'ordinaire passées sous silence ou a priori disqualifiées par les faiseurs d'opinion.

Stéphane Beaud e Michel Pialoux, 2012:474

1. INTRODUÇÃO

Segundo dados da revista *Forbes*, três dos cinco mais ricos de Espanha, em 2014, tinham a sua fortuna ligada à indústria têxtil, sobretudo à confecção. Era assim com Amancio Ortega, o proprietário da *Inditex*, com 46 milhões de euros; com a sua filha, Sandra Ortega Mera, que herdou da mãe a sua parte; e com Isak Andic, dono da *Mango*, com 4,3 milhões de euros⁶³. Os dois primeiros, pai e filha, são galegos. Em Junho de 2015, a segunda maior fortuna do mundo pertencia ao galego Amancio Ortega, segundo a agência *Bloomberg*⁶⁴. Em 18 de Setembro de 2015, numa notícia entusiástica de *La Voz de Galicia*, “Ortega, más cerca de pillar a Gates como el hombre más rico del planeta”, ficámos a saber que a sua fortuna ascendera a 62.400 milhões de euros, assunto a que não deve ser alheia a subida de 37% dos lucros da *Inditex* no primeiro semestre do mesmo ano.⁶⁵ No final de Outubro de 2015, a

⁶²O trabalho de campo e a reflexão presentes neste texto resultam da conjugação da pesquisa no âmbito de dois projectos ibéricos. Em primeiro lugar, “Cooperación transfronteriza y (des)fronterización: actores y discursos geopolíticos transnacionales en la frontera hispano-portuguesa”, coordenado por Heriberto Cairo Carou, no âmbito da Universidade Complutense de Madrid, com outros colegas de várias universidades espanholas e portuguesas (2013-2016), inserido no Plan Nacional de I+D+I del Ministerio de Educación y Ciencia de España. Mais recentemente, o meu projecto pessoal em torno do trabalho das costureiras dilatar-se-ia numa pesquisa com Marta Negro, do ILGa, centrada nas costureiras de Lalín, que se encontra numa fase inicial, com um conjunto de entrevistas em curso. Agradeço a ambas as equipas a possibilidade de reflexão conjunta e, no primeiro caso, os meios materiais para a pesquisa. Agradeço igualmente a Inês Godinho as sugestões e a revisão final.

⁶³ Ver <http://www.onthepulse.es/gossip/who-are-ten-richest-people-spain-141106>.

⁶⁴ Em <http://www.lavozdegalicia.es/noticia/economia/2015/06/03/amancio-ortega-segunda-persona-rica-mundo/00031433340124507225265.htm>

⁶⁵ Em http://www.lavozdegalicia.es/noticia/economia/2015/09/18/ortega-cerca-pillar-gates-hombre-rico-planeta/0003_201509G18P35994.htm;
http://economia.elpais.com/economia/2015/09/15/actualidad/1442298632_575629.html

fortuna de Amancio Ortega chegou a ser a maior durante uma manhã, embora a volubilidade dos números a remetesse de novo para o segundo lugar.

Praticamente todos os dias, surgem notícias acerca do crescimento da riqueza dos grandes do mundo, que alimentam novos títulos de jornal⁶⁶. É impactante a forma como as fortunas se multiplicam e a riqueza se concentra, que desatualiza rapidamente os dados recolhidos, e a concomitante introdução pelos discursos neoliberais de uma novilíngua, assente em conceitos como “empendedorismo” e “iniciativa”, ao mesmo tempo que os *media* louvam as grandes empresas pela «criação de empregos». Neste texto, os números das fortunas e o fogacho das notícias serviram para desencadear, a partir de 2012, uma investigação num contexto que já conhecia, devido aos trabalhos realizados sobre a fronteira: Verín (Godinho 2011; Godinho 2012; Godinho 2013; Godinho 2014a; Godinho 2014b; Godinho e Cairo 2013). Numa Europa que se desindustrializou, e onde esse fenómeno foi encarado como um sinal de progresso, assistiu-se, desde a viragem do século, à deslocação da produção para contextos em que a mão-de-obra fosse ainda mais barata, dócil e sem direitos. Assim, interessa-me interrogar as modalidades da produção têxtil por quem a faz, a nível local e a sua relação com os trânsitos mundiais. Como antropóloga, parto de um presente que presencio e que remete para o “realismo histórico” (Narotzky e Smith 2006, *passim*), atendendo a que as pessoas reproduzem artefactos abstractos e concretos que dão continuidade às respetivas vidas e que fornecem o panorama que condiciona a reprodução e a transformação de gerações subsequentes. Repensar o carácter fulcral do sector têxtil, num local determinado e no tempo actual, implica a perceção do seu papel quanto a uma necessidade básica – a de cobrir o corpo. Por outro lado, trata-se de um sector que integrou a produção capitalista logo no início da Revolução Industrial, com grandes cadeias de produção e uso intensivo de mão-de-obra, constituindo um objecto fundamental na compreensão dos mecanismos de deslocação mais recentes, característicos da fase actual do capitalismo.

Na Europa, a antropologia permaneceu longamente associada à construção das nações, com os camponeses e o muncho rural como grupo e espaço fulcrais nas abordagens da disciplina. Embora a revolução industrial inglesa e as transformações do proletariado se oferecessem como objecto, só no final dos anos 1970 os britânicos inaugurariam uma aproximação à antropologia do trabalho, através de uma colectânea, *Social Anthropology of*

⁶⁶ http://www.lavozdegalicia.es/noticia/economia/2015/10/09/amancio-ortega-camino-hombre-rico-mundo/0003_201510G9P34993.htm

Work (Wallman
(Flamant & Jeudy
Pialoux (1977), c
saxónico, sobretu
mais precoces, as
& Jeudy-Ballini
Anthropology of

No caso g
questionar o pap
periférico. Todav
centralidade no c
tempo que se alor
a partir dos mod
acumulação prim
do século passad
barata, sobretudo
no contexto gale
de Portugal. Num
a palavra que não
cabeçalhos de jo
para entender a h

O lugar c
1960, assentand
viria a constitui
casa, em peque
realizada sobret
pecuária, no tra
humanos vão s
mercados de tra
culturais localiz
vida de mulhere
processos que
raramente coes

Work (Wallman 1979). No caso francês, no final dos anos 1970 surgiram alguns estudos (Flamant & Jeudy-Ballini 2002: 2), destacando-se o trabalho de Stéphane Beaud e Michel Pialoux (1977), que se centra na condição operária e na sua cultura. No contexto anglo-saxónico, sobretudo nos Estados Unidos, as aproximações feitas pelas ciências sociais são mais precoces, associadas à indústria e aos estudos aplicados, reportando ao conflito (Flamant & Jeudy-Ballini 2002: 2; Burawoy 1979:231-235). Desde os finais dos anos 70, existe uma *Anthropology of Work Review*.

No caso galego, a implantação do têxtil, em força a partir dos anos de 1960, obriga a questionar o papel da indústria de confecção, com o seu carácter geográfico e culturalmente periférico. Todavia, como não há periferia na periferia, a produção têxtil reveste-se de forte centralidade no contexto abordado, estruturando a vida das mulheres e das suas famílias, num tempo que se alonga aos anos de 1970. Olhar para os mecanismos de concentração da riqueza, a partir dos modos de a gerar e reproduzir - ou seja, da produção de bens que lhe servem à acumulação primitiva e que a realimentam -, foi o caminho escolhido. Embora desde o final do século passado, a confecção venha sendo transferida para locais de mão-de-obra mais barata, sobretudo na Ásia e na América do Sul, a pesquisa foi iniciada a partir de quem cose no contexto galego. Delimitou-se o terreno na vila galega de Verín, na fronteira com o norte de Portugal. Numa relação mutual, construída no trabalho de terreno, desde 1987, ressaltamos a palavra que não surge nos *media*, e os modos de vidas das que constroem a riqueza que faz cabeçalhos de jornal e notícias de telejornal, considerando que a etnografia é um instrumento para entender a história e a cultura num mundo intrincado e fraturado.

O lugar ocupado pela indústria têxtil no contexto galego acentuou-se desde os anos 1960, assentando sobretudo no emprego feminino. Verín, uma vila da província de Ourense, viria a constituir um importante centro de produção têxtil, em que a confecção de roupa em casa, em pequenas manufacturas ou em unidades de produção de média dimensão, foi realizada sobretudo por mulheres. Conjugou-se com modalidades pluriactivas, na agropecuária, no trabalho nas manufacturas, ou nos serviços. Num momento em que os seres humanos vão sendo considerados descartáveis como trabalhadores, procuro entender os mercados de trabalho com as construções políticas e económicas, com implicações sociais e culturais localizadas. Através de uma estadia longa, e da recolha direccionada de narrações de vida de mulheres, a etnografia constitui um meio de entender os percursos das costureiras e os processos que as inserem na história e numa história, num mundo capitalista complexo, raramente coeso, a que se colou a palavra «crise». Este trabalho, que se desenvolve desde

2012, num terreno que se conhece desde os anos 1980, requereu a compreensão das correntes de força inerentes à reprodução capitalista num mercado mundial, bem como às tendências que sublinham as experiências quotidianas dessas mulheres. Entrevistei e contactei mulheres costureiras que tornaram legíveis os nós entre a experiência - o nível do vivido e inscrito -, e as expectativas (Koselleck 1979), como forma de construir o futuro, pelas ideias e pela matéria, na existência social e nos projetos de vida.

A ênfase em diferentes escalas, com uma compreensão pela etnografia realizada em locais concretos, numa experiência de proximidade em relação ao quotidiano das pessoas comuns, num contexto determinado, requereu a compreensão das correntes de força inerentes à reprodução capitalista, bem como às tendências que sublinham as experiências de rotina. Num trabalho que se encontra em curso, que enquadra um projeto mais vasto, entrevistei e recolhi a narração de vida de mulheres que produzem coisas e ideias, que pensam no que acontece e no que pode ocorrer e que tornaram legível os nós entre o nível do vivido e o do inscrito, a partir do qual delineiam expectativas, no âmbito da existência social e dos projetos de vida.

Os antropólogos constroem o seu saber assente em relações que criam. Foi através de vários amigos que tentei iniciar este tema. A partir do início do ano de 2012, desloquei-me várias vezes a Verín, a primeira das quais sem sucesso. Embora garantisse toda a confidencialidade e, em vários casos, as mulheres fossem parentes dos meus amigos, a aproximação ao tema revelava-se complicada. A minha rede social local parecia sólida, com amigos, amigos dos amigos, e velhos conhecidos. Porém, nenhuma mulher acedia a falar das suas condições de trabalho, de como e quando se iniciara como trabalhadora têxtil, das tarefas. O silêncio fala, e todas as noites preenchia o meu diário de campo com o seu registo, com o que me dizia sobre as dúvidas e inquietações dessas mulheres. Temiam represálias, pois falar das condições de emprego no sector significa abordar um tema quente, em que o segredo desempenha um papel importante.

Não desvelar os mecanismos de exploração, muitos dos quais fora da legislação ainda em vigor, apesar de todos os atropelos mais recentes, parece ser uma das formas de continuar a ter emprego. Depois de uma primeira tentativa, em Fevereiro de 2012, em Verín, voltei em Março e Abril desse ano, revisei outros contextos, e a reserva continuava a manter-se. Um trabalho com estas características teria que ser feito com base em entrevistas, estando fora de questão a observação participante - dificilmente a antropóloga seria contratada - e ainda mais

a observação
conduz a uma

Já no
algumas mulh
com vários si
filme *Fios for*
mulheres gale
são variados,
variaram entre
nomeadament
Ourense, pro
sites da Intern

Embor
técnicas, esta
poderemos nã
registar os se
«diário de ca
caso, um con
encontros e
esplanadas, o
mulheres que
que se nos ju
horário de tra
envolvidas, a
português),
empregadora
identificação

2. PASS
A es
ficcional a re
civil, e a lig
coser, transp
igualmente p

a observação directa. Este é um assunto silencioso, que precisa da invisibilidade, o que conduz a uma grande desconfiança face a quem faz perguntas.

Já no verão de 2012 foi possível realizar um primeiro conjunto de entrevistas a algumas mulheres da zona de Verín, continuadas nos três anos seguintes. Antes, havia falado com vários sindicalistas e com um cineasta que têm abordado o tema. Entretanto, também o filme *Fíos fora* (Illa Bafarda 2015) trouxe nova visibilidade ao tema, debruçando-se sobre as mulheres galegas que trabalham na costura. Além dos meus núcleos de relações locais, que são variados, devido às visitas assíduas que faço a este terreno, onde desenvolvi estadias que variaram entre um e nove meses em sucessivas fases, procurei informação em fontes diversas, nomeadamente relatórios e planos oficiais acerca da comarca de Verín ou da província de Ourense, produzidos por entidades governamentais, autárquicas e sindicais, bem como nos sites da Internet respeitantes a um conjunto de organismos e empresas.

Embora raramente se aluda à informalidade da «conversa» nas aulas de métodos e técnicas, esta é das mais preciosas ferramentas da disciplina. Pelo seu carácter coloquial, poderemos não tomar notas nos nossos cadernos de campo no momento em que ocorrem, e só registar os seus resultados à noite, na reflexão de fim de dia, a que costumamos chamar «diário de campo». É o resultado de situações informais, não gravadas, que abrange, neste caso, um conjunto de pessoas da minha rede local, que permitiu contextualizar o assunto. Os encontros e entrevistas gravados decorreram sempre em locais públicos – cafés, bares, esplanadas, ou, no caso dos sindicalistas, na sede do sindicato. Tornou-se frequente que as mulheres que vinham falar comigo me dissessem inicialmente que outras iriam com elas, ou que se nos juntariam, o que não viria a suceder. Em alguns dos casos, a explicação estava num horário de trabalho demasiado longo nesse dia. Foi garantida a confidencialidade às mulheres envolvidas, a quem recevi as transcrições das entrevistas (feitas em galego e adaptadas ao português), e que as complementaram. Não são igualmente apontadas as entidades empregadoras, sendo também banidas referências mais localizadas que permitissem a identificação dos sítios.

2. PASSADOS E PRESENTES – DA PRODUÇÃO TÊXTIL NA GALIZA

A escritora Cristina Sánchez-Andrade, em *Las Inviernas*, resgata, num registo, ficcional a realidade de duas irmãs que retornam à sua aldeia galega, anos depois da guerra civil, e a ligação de ambas à costura (Sánchez-Andrade 2014). As referências à máquina de coser, transportada à cabeça, de aldeia em aldeia, ao ritmo da contratação pelas casas, está igualmente presente em várias histórias de vida, como sinal de um passado que demonstra a

ligação à costura das mulheres galegas, e de alguns lugares em especial. Na ausência de uma indústria de pronto a vestir, até aos anos 1960, era habitual que as costureiras circulassem pelas casas das famílias que necessitavam de enxovais para uma filha que casasse, ou para uma criança que estivesse prestes a nascer, fazendo à mão e à máquina o necessário para vestir os membros dessa família e para os arranjos do lar. São vários os lugares galegos que se reivindicam como berço de modistas, relevando a aptidão das suas mulheres para o trabalho de costura e apontando a prática continuada no tempo como aperfeiçoamento para a maestria actual. Verín é um deles.

A Galiza teve uma pujante produção de linho no séc. XVIII, com a planta cultivada nas casas rurais, e o tecido produzido a nível doméstico, depois exportado para Portugal e Castela (Murado 2013:134). A par dessa produção doméstica, uma outra, na Real Fábrica de Mantelaria, na Corunha, fabricava tecidos de linho de elevada qualidade, destinados à casa real espanhola. Devido ao crescimento demográfico da segunda metade do séc. XVIII, aumentou a necessidade de tecidos, designada «fome de linho» (Murado 2013:135), que seria resolvida graças à importação de tecidos, sobretudo da Rússia. O algodão, importado da Índia pelos ingleses, a partir do início do séc. XVIII, era fácil de introduzir de modo industrial e desviaria a produção para Manchester. Na própria Galiza, começa a preferir-se o algodão, que chega mais barato que o linho local. Os catalães vão apanhar o comboio da industrialização dos têxteis, enquanto na Galiza é a produção doméstica que terá continuidade durante mais um século, frequentemente associada ao trabalho agrícola⁶⁷. A paz incivil que se segue à guerra – que na Galiza, tecnicamente, não existiu, registando-se sobretudo perseguições aos republicanos de todos os matizes, por parte dos sequazes do franquismo – não foi muito propícia à implantação de indústrias têxteis. Nos tempos do doloroso pós-guerra, o lado português da fronteira regista mesmo um crescendo do contrabando de roupa e de linhas pretas – numa impressionante imagem de um país de luto. No desenvolvimentismo que se seguirá aos anos 1950, surge alguma confecção na Galiza, por vezes ligada a conhecimento acumulado na Catalunha. Em *ateliers* de modistas ou em alfaiates, as raparigas ganhavam cedo a destreza para confeccionarem muito do vestuário usado, com as linhas e as agulhas.

Na Catalunha e em Valência, permaneceram sobretudo fiações, quando os custos de mão-de-obra cresceram, devido aos salários. Esses custos são fulcrais na confecção, e as

⁶⁷ A etnografia da Galiza regista que a hereditariedade do trabalho agrícola fazia de um dos filhos o herdeiro privilegiado, e deixava os outros a terem de fazer pela vida.

descidas das tax
têxtil de roupa
confeção a desl
operária ficara p
localidades em
identificado co
famílias inteira
poderia ser a p
fluxos migrató
manufaturas e t

Conqua
se fosse realiza
que crescera n
quase um dest
estendem por t

Em me
local de trabal
entrecruzavam
amizade tinha
ocupado pela
chama-se-lhe
(Zara, Massin
à indústria da
Roberto Verin

Entre
Portugal, loca
do Val, Cual
relatório ofici

descidas das taxas de lucro dificilmente são compensadas com inovação técnica. A produção têxtil de roupa seria realocada noutros pontos do Estado espanhol, com as empresas de confeção a deslocarem-se para zonas em que a industrialização fora mais escassa e a classe operária ficara por construir, entre as quais a Galiza. Ali – tal como no norte de Portugal –, há localidades em que o têxtil foi fulcral, embora não exista nenhum caso que possa ser identificado com Roubaix, em França, uma cidade têxtil de grande centripetia, que atraiu famílias inteiras da província (Moch e Tilly 1985). Aproveitando uma mão-de-obra que poderia ser a primeira nas respectivas famílias a destacar-se da agricultura ou a escapar aos fluxos migratórios, conjugavam-se com frequência, num mesmo lugar, fábricas, pequenas manufaturas e trabalho ao domicílio.

Conquanto a ruralidade fosse largamente dominante, e a modernização da agricultura se fosse realizando (Férrandez Prieto 1992), as terras não permitiam sustentar a população que crescera na Galiza dos anos 1960. Cumprindo o que nos poemas de Rosalia de Castro é quase um destino histórico, muitos galegos deslocam-se em fenómenos migratórios que se estendem por todo o Estado espanhol e pelo estrangeiro.

Em meios pequenos, as relações familiares e laborais entreteceram-se longamente, no local de trabalho e fora dele, sob a asa do paternalismo. Os envolvidos estavam próximos e entrecruzavam-se numa rede social em que a família, o parentesco ritual, a vizinhança e a amizade tinham um papel essencial. Desde finais dos anos 1960, foi crescendo o papel ocupado pela indústria têxtil no contexto galego, sobretudo no emprego feminino. Hoje, chama-se-lhe «indústria da moda». Além de marcas mais populares, produzidas pela *Inditex* (*Zara, Massimo Dutti, Bershka e Pull & Bear*), alguns dos mais significativos nomes ligados à indústria da moda, na actualidade, são originários da Galiza: *Florentino, Adolfo Domínguez, Roberto Verino, Pili Carrera*.

Entre o campo e um modo de vida urbano, Verín é uma comarca da fronteira com Portugal, localizada no sul da província de Ourense, constituída pelos municípios de Castrelo do Val, Cualedro, Laza, Monterrei, Oimbra, Riós, Verín e Vilardevós que, segundo um relatório oficial, é caracterizada por

uma escassa transformação da paisagem, grandes espaços naturais, rico património cultural, perda e envelhecimento populacional, tecido empresarial limitado, valorização incompleta das produções locais, baixa taxa de actividade e carência de infraestruturas, equipamentos e serviços (Concello de Verín 2009:5, tradução minha).

Tem uma imensa veiga, sulcada pelo rio Tâmega, encaixada entre vários conjuntos montanhosos: a serra de S. Mamede, a de Penas Libres e a de Larouco. As terras da veiga, que beneficiam de “um microclima bastante benigno” (Concello de Verín 2009:12), são muito férteis, produzindo milho, batata, hortícolas e fruta. O pimento branco de Oimbra foi registado com selo de qualidade junto da União Europeia. Nos últimos vinte anos, cresceu o cultivo da vinha, tendo sido reconhecida em 1992, a Denominação de Origem *Monterrei*. O mato e as arbóreas, alguns soutos de castanheiros e monte recoberto pelo pinheiro têm sofrido bastante com os incêndios recentes. Destaca-se também a riqueza em águas com propriedades terapêuticas, sob várias designações, de que se procede ao engarrafamento, destinado à comercialização: Cabreiroá e Sousas são marcas conhecidas que circulam pelo mercado espanhol.

A importância do sector da confecção decresceu, depois de um momento culminante, no final dos anos 1980 e na década de 1990. No *Plan de Traballo* consultado, é o sector com maior decréscimo de contratos (UPD Limia Verín 2011:10). O ciclo escolar de Formação Profissional de Moda e Design passou a ter pouca saída (Concello de Verín 2009:71) e restam poucas pequenas manufaturas (*talleres textiles*), quase como o único testemunho do que foi esta actividade. Ao longo dos últimos 30 anos, uma família «média» de Verín teria o homem na construção e a mulher na indústria têxtil. Até à bolha imobiliária dos anos a seguir a 2008, a construção civil e o trabalho subcontratado em obras públicas foi uma fonte de emprego importante, em micro ou pequenas empresas, embora sem formação profissional específica. Concluída a ligação de auto-estrada entre Verín e Portugal, decaiu o emprego neste sector e nas indústrias associadas: vidros, móveis, canalização, ladrilho, etc., porque estão paralisadas algumas grandes obras públicas e a construção civil, em virtude da conjuntura económica. Segundo números do Instituto Nacional de Estadística, respeitantes a 2005, a percentagem da população galega que se encontrava nos 3.307 km² das zonas urbanas era de 65,13%, enquanto nas zonas rurais (26.067 km²) residia 34,87% da população (INE *apud* Concello de Verín, 2009:8). Na vila de Verín, viviam 9796 habitantes, em 2005, enquanto a maioria da população da comarca residia em núcleos de menos de 500 habitantes. Segundo dados do Instituto Galego de Estatística referentes ao movimento migratório em 2006, o saldo era positivo, com 126 pessoas a abandonarem o território para o estrangeiro e 455 estrangeiros a fixarem-se ali, sobretudo portugueses, atendendo à proximidade (*apud* Concello de Verín 2009:23). Enquanto os filhos das camadas médias que prosseguem estudos se deslocam para

Santiago, Verín e o local vão estu

Atravé
sede da *Mano*
dos *concellos*
na comarca
registadas. P
clandestinos.
inconsistente
produção têx
manufaturas
menos impost
parece estar a
vários empre
desindustriali

Quase
2009:73), enq
viu-se afectad
centro. É pos
grandes super
para o pequen
tempos, nem
devido a uma
eliminação da

De 16
só 5 tinham r
trabalhadores.
auto-emprego
desaparecime
os números r
confecção, es
actividade e p

Santiago, Verín, Ourense Corunha, os que provêm das camadas mais elevadas na sociedade local vão estudar para Madrid ou Salamanca.

Através dos dados da Segurança Social quanto ao trabalho em Verín, verifica-se que a sede da *Mancomunidade* é também o grande centro do emprego da zona, acolhendo pessoas dos *concellos* em redor (Concello de Verín 2009:35). As baixas taxas de emprego femininas na comarca não significam que as mulheres não trabalhem, mas tão só que não estão registadas. Podem desenvolver tarefas produtivas em casa, ou trabalhar em *talleres* clandestinos. Os dados reportam-se a um tempo bastante recente, em que se tornou mais inconsistente o trabalho feminino – e o trabalho, em geral – devido à realocização da produção têxtil no Oriente e na América do Sul. As empresas que subcontratavam as manufaturas locais partiam, em busca de uma mão-de-obra ainda mais barata, dócil, com menos impostos, menos protegida pelos Estados e pelos sindicatos. O local de trabalho não parece estar associado à criação de identificações, devido à circulação das mulheres entre vários empregos e situações profissionais, ao trabalho à peça, realizado ao domicílio, à desindustrialização e ao desemprego.

Quase 70% dos habitantes de Verín trabalham nos serviços (Concello de Verín 2009:73), enquanto na comarca são 61%. O comércio, que aproveitava o carácter fronteiriço, viu-se afectado pela construção de novas vias de comunicação, que desviaram o trânsito do centro. É possível circular para Vigo, Ourense, Madrid e Portugal sem cruzar a vila. As grandes superfícies comerciais, em Ourense ou Vigo, com políticas de preços devastadoras para o pequeno comércio local, inviabilizaram a manutenção de algumas lojas. Nos últimos tempos, nem o IVA mais favorável conseguiu atrair suficientemente o público português, devido a uma pior situação económica. Todavia, as trocas legais foram favorecidas com a eliminação das barreiras alfandegárias (Concello de Verín 2009:73).

De 1678 empresas registadas em 2007, 1031 não tinham qualquer empregado (61,4%), só 5 tinham mais de 50 pessoas ao serviço e não havia qualquer empresa com mais de 250 trabalhadores. O cenário local é marcado por microempresas, com alguma volatilidade, de auto-emprego ou com menos de 10 trabalhadores (97% do total), de aparecimento e desaparecimento rápido. Esta volubilidade coíbe as possibilidades de acção colectiva. Embora os números respeitantes a 2006 indiquem só 18 estabelecimentos da indústria têxtil e de confecção, estes poderão ser pouco exactos, pelo carácter intersticial e domesticável desta actividade e pela economia subterrânea que convoca, estendendo-se para o lado português.

A comarca de Verín fica distanciada da rede ferroviária, o que impede a ligação directa com Madrid. Em detrimento do afastamento do traçado do AVE, que ligará a Galiza com a Meseta, enfatiza-se o carácter transfronteiriço da comarca, com influências mútuas fortes entre o norte de Portugal e esta zona da Galiza, recorrendo a programas europeus comuns (Concello de Verín, 2009:11). Supera-se a periferia em relação a Madrid e Lisboa através de uma região transfronteiriça, com liames políticos que transcendem a relação com os Estados centrais, conquistando ela própria centralidade (Godinho 2009; Godinho 2011; Godinho 2012). A Eurocidade de Chaves/Verín, constituída em 2012, era vista como uma oportunidade (Concello de Verín 2009:78), considerando-se também a importância da criação de áreas industriais no Polígono de Chaves, já equipadas e competitivas no preço⁶⁸. Favorecia-se as indústrias agro-alimentares, logísticas e de transportes (Concello de Verín 2009:83-4)⁶⁹. A desarticulação da indústria a nível local é concomitante com a insistência no sector do turismo, com um levantamento de recursos susceptíveis de atrair visitantes: (1) a paisagem, destacando a bacia de Tâmega e os bosques de montanha; (2) as águas com valor terapêutico, conquanto os balneários estejam inativos; (3) o património histórico, que integra o castelo de Monterrei, várias igrejas, um castro; (4) o património cultural, nomeadamente através de várias sendas dos caminhos de Santiago, de diversas manifestações de interesse turístico, como os Entroidos de Verín e Laza, da feira do Vinho de Verín e de várias festas locais.

3. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E SUBORDINAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA

Nos trabalhos de confecção, as mulheres são a mão-de-obra quase exclusiva. É assim também na fábrica do grande costureiro local, onde não havia nenhum homem a coser em 2012, embora alguns trabalhassem na secção de corte – ou seja, no trabalho mais especializado e criativo. Até aos anos 1980, o trabalho têxtil e de confecção passavam pela aprendizagem das regras do ofício com um mestre/a. Depois, as instituições nacionais e autonómicas criaram um conjunto de cursos técnico-profissionais, que preparam e avaliam as competências técnicas, legitimadas por diploma.

⁶⁸ O cartão de eurocidadão é o emblema do projecto, ao qual as autoridades apontam um conjunto de benefícios: acesso às bibliotecas e museus, preços reduzidos nas instalações desportivas e recreativas, descontos em eventos culturais e no termalismo do lado flaviense, acesso a ações de formação, descontos no comércio, serviços e indústria, participação em sorteios e concursos organizados pela Eurocidade e subscrição do boletim de notícias local.

⁶⁹ Não existem transportes públicos entre um e outro lado da fronteira e a viagem de táxi entre a vila de Verín e a cidade de Chaves (29 quilómetros), custou 30 euros em Agosto de 2015 (25 euros em sentido inverso), enquanto o bilhete do autocarro para Lisboa (460 quilómetros) importou em 21 euros.

⁷⁰ Uma das entrevistas com marcas galegas.

Envolvimento
amizade, a vizinhança
circulando por
sociais e de mod
que por vezes
possibilidades a
referidas nas ent
dispondo-se por
trabalho legais nã
As mulhe
da busca de m
flexibilização do
compensação, co
preço do trabalh
laborais não são
aquiescência das
mecanismos de v

Ho
alg
anc
tel
ins
esc
Ap
(...
poi
nin

Uma cons
confirmação feita
trabalho no fina
mesmo: Verín é
vizinhos e amigo
fortemente artic
aldeias da comar
vezes ligados a fa

Envolvidas numa teia social, com múltiplos fios que se cruzam – o parentesco, a amizade, a vizinhança, o compadrio –, a maioria das mulheres consegue melhores condições, circulando por manufaturas ou cooperativas. Fazendo uso de um conjunto de dispositivos sociais e de modalidades variadas, entre as *leis* – do trabalho, por exemplo – e as *estratégias* – que por vezes colidem ou contornam as primeiras-, estas mulheres põem em jogo as possibilidades abertas por uma memória - genealógica, local, de ofício. As imigrantes, referidas nas entrevistas e a que não acedi diretamente, são apontadas como mais frágeis, dispendo-se por isso a aceitar condições em que, com demasiada frequência, os horários de trabalho legais não se cumprem e as horas extraordinárias não são pagas como tal.

As mulheres circulam por diversos locais de trabalho, ao sabor dos despedimentos, ou da busca de melhores condições, como sucedia quando o emprego era abundante. A flexibilização do horário prolonga-o além dos limites contratuais, sem qualquer espécie de compensação, convertendo-o num acréscimo não pago, que prolonga o dia e faz baixar o preço do trabalho. Apesar da flexibilização recente, desfavorável a quem trabalha, as leis laborais não são frequentemente cumpridas. Os donos dos *talleres* contam com o silêncio e a aquiescência das que aí trabalham, e de uma parte significativa da rede local. Dotam-se de mecanismos de vigilância para precaverem a aproximação de quem fiscaliza o trabalho:

Houve um sítio onde puseram uma câmara de vigilância por fora para verem se vem alguma pessoa suspeita, e então desaparecem todas [as trabalhadoras ilegais]. Há uns anos, um rapaz que foi arranjar as máquinas a esse sítio contou-me que tinham as televisões cobertas por uma caixa. Quando viam pela câmara que vinham os inspectores, tapavam as televisões, mandavam sair as que não tinham seguro, escondiam-se por ali, para cima, para casa...

Apareciam os inspectores do trabalho numa empresa e havia 30 manufaturas ou mais. (...) As manufaturas não estavam identificadas. (...) Quando vinham os inspectores era porque havia uma denúncia, porque, de contrário, não vinham, que isto era terra de ninguém.

Uma constante desta zona, em que não estão registados casos de trabalho infantil – confirmação feita pelos sindicalistas e pelas costureiras entrevistadas –, é o início da vida de trabalho no final da adolescência⁷⁰. Sindicalistas e costureiras entrevistadas frisaram o mesmo: Verín é berço de modistas. Na genealogia das entrevistadas, na rede social de vizinhos e amigos, o trabalho de costura é sempre evidenciado. Por outro lado, numa vila tão fortemente articulada aos campos envolventes, qualquer das entrevistadas tem ligação a aldeias da comarca - em Castrelo do Val, Monterrei e Vilardevó - os seus percursos estão por vezes ligados a famílias marcadas por processos migratórios de âmbito europeu:

⁷⁰ Uma das entrevistadas, que reitera a inexistência da mão-de-obra infantil na Galiza, salienta que nas roupas com marcas galegas há crianças que coseram, noutros cantos do globo.

Nasci na Alemanha. Sou filha de emigrantes que estavam os dois emigrados lá, conheceram-se ali. Eram os dois galegos, de M., meu pai, e de F., minha mãe. Ao lado, mas não se conheciam daqui, conheceram-se lá. Estive até aos 4 anos [na Alemanha]. Tenho 42 anos, fiz no outro dia. [Fiquei] com a minha avó, era o típico na aldeia. Filha única, criei-me em M. e estive lá até aos dez anos. Aos dez anos, veio a minha mãe para aqui, para estar comigo, e o meu pai continuou lá [na Alemanha]. Viemos viver em Verín, a minha mãe e eu, até agora, sempre. A minha mãe morreu há nove anos. (Ana 42 anos em 2012)

Eu sou de uma família numerosa. Os meus irmãos emigraram para a Alemanha e eu fui ficando. Por tontar, não estudei, pus-me a trabalhar. (Maria 49 anos em 2012)

Durante uma das entrevistas, uma das costureiras reafirmava que tivera *muita sorte* numa remissão para um quadro aleatório que não dependia de si. Trabalhar para o estilista e empresário local, filho da terra e reconhecido pelos seus conterrâneos, significou também que a pressão social do lugar o impelia para comportamentos de decência na relação com os seus trabalhadores diretos. Como confirmam os sindicalistas, dentro da sua empresa, cumpre os convénios e recompensa o tempo extra que as costureiras despendem nos momentos em que as coleções de moda têm de estar prontas. Porém, como se nota noutra entrevista, nem sempre a sorte estava à espera de quem entrava numa das cadeias de costura, e as condições de trabalho podiam ser arrasadoras

Estavam com um cronómetro a cronometrar a quantidade de peças que fazias à hora. Punham-te um objectivo num dia, e, se não o atingias, estava ali até às 10 ou às 11, em que lhes parecia que devias sair. Evidentemente que, se hoje fazias duzentos, amanhã fazias 250. Nunca cumprias o objectivo para poderes sair à hora.

Em várias entrevistas, é referida a preferência por trabalhadoras mais jovens, o que também reflecte esta nova etapa capitalista, de desgaste rápido de mão-de-obra e que, em pouco tempo, visa extrair máximas quantidades de mais-valia, mudando-se para outros locais quando as leis do trabalho se aplicam, os custos encarecem e os impostos sobem. Para manter o emprego num local e não ter de partir em busca de outra situação, é exigida a conivência dos próprios trabalhadores relativamente a algumas arbitrariedades, bem como a aceitação, aparente ou real, de situações de ilegalidade ou a-legalidade, ludibriando as entidades oficiais encarregadas de vigiar o trabalho.

Detetei cinco modalidades quanto à dimensão e natureza do sector. Em primeiro lugar, a que corresponde à maior empresa, que pertence ao grande estilista local, que recruta uma mão-de-obra especializada, para a sua coleção destinada às passerelles. As mulheres que ali trabalham sentem que integram uma elite local de trabalhadoras, que se destaca da média pela sua reconhecida habilidade e porque conhece por antecipação a moda do ano seguinte, o que constitui um ganho simbólico significativo. A segunda situação e as duas seguintes correspondem a cadeias de produção, embora o corte ocorra à distância e as peças sejam

distribuídas já
intermédias, c
marcas reput
significativa c
descontos par
pequena cade
máquinas, ou
recorrendo ao
ali, distribu
produção únic
coser e monta
característic
“cooperativa”,
com emprésti
disponíveis, o
alguma delas
“cooperativa”:
passava por un
experiência, a
isolada, que ex
têxteis, em situ
de serem utiliz
tarefa. Podem
forros, ou da cc
Embora
sua desorganiz
parte dos emp
determinadas c
anos de serviço
sindicato, que
pressão exercid
qual a lei passo
Nas qua
tempo previsto

distribuídas já talhadas, a partir da empresa contratadora. Neste caso, corresponde às empresas intermédias, com várias cadeias de produção em simultâneo, que trabalham para várias marcas reputadas da moda, incluindo o primeiro estilista, que externalizam uma parte significativa da sua produção, desencarregando-se dos seus custos quanto às máquinas, aos descontos para a segurança social, ou aos seguros de trabalho. A terceira situação é a da pequena cadeia de produção, dirigida frequentemente por uma mulher que comprou as máquinas, ou que gere a oficina de alguém que as comprou, com fundos próprios ou recorrendo ao crédito bancário. Sendo a primeira entre iguais, essa mulher trabalha também ali, distribuindo e organizando o trabalho por oito a doze costureiras. Estas cadeias de produção únicas recebem da empresa contratadora as peças já cortadas, encarregando-se de as coser e montar, transformando-as em produto final. Em quarto lugar, algo que foi muito característico nas décadas de 1980 e 1990: um conjunto de mulheres criava uma “cooperativa”, criando o seu próprio emprego. Adquiriam as máquinas através de subsídios e com empréstimo bancário. Não empregavam mais ninguém, pois não haveria máquinas disponíveis, ou só o faziam em momentos de grande intensidade de trabalho, e/ou quando alguma delas ficava impossibilitada, por parto ou doença. Em princípio, embora o termo “cooperativa” sugerisse formas de trabalho em equipa, o esforço de constituição destes grupos passava por uma avaliação das cooperantes, de modo a que a capacidade, o conhecimento, a experiência, a energia e a perseverança fossem maximizados. Por último, a trabalhadora isolada, que executa em sua casa as peças distribuídas por alguém ligado às grandes cadeias têxteis, em situação de ilegalidade e sem quaisquer direitos. Estas mulheres são suscetíveis de serem utilizadas só em momentos críticos e descartadas após a execução de uma dada tarefa. Podem realizar o seu trabalho à máquina, comprada por si, ou à mão – no caso dos forros, ou da colocação de lantejoulas ou pérolas nos trajes de festa – e são pagas à peça.

Embora uma das modalidades de condicionamento da mão-de-obra local passe pela sua desorganização e isolamento, que permitem que a pressão, ou mesmo a chantagem por parte dos empregadores, sejam factores de coerção, algumas condições particulares e/ou determinadas conjuntura: podem inverter o processo. Uma das entrevistadas, depois de vários anos de serviço, viu negado o direito a alguns dias para acorrer a um familiar. Dirigiu-se ao sindicato, que a encaminhou para um jurista e para a denúncia das condições de trabalho. A pressão exercida viria a ter consequências abrangentes na empresa do estilista local, dentro da qual a lei passou a ser cumprida.

Nas quatro primeiras situações, o direito à licença de maternidade e aleitação pelo tempo previsto na lei não era necessariamente observado: “(...)isso não cumpria nem Deus!”.

Aplicou-se no caso de duas das entrevistadas, por razões precisas: uma delas era trabalhadora descontínua e as suas gravidezes e partos coincidiram com o período em que não trabalhava, enquanto a outra estava então empregada no sindicato.

À repetição dos gestos no trabalho em cadeia, que exige um ritmo acelerado, junta-se a dos quotidianos, das vidas, num tempo que parece eternamente igual, naquilo a que Robert Linhart denomina a morna atmosfera de prisão (Linhart 1978:25), assimilando as condições do trabalho em cadeia a um universo semi-penitenciário (Linhart 1978:60), de vigilância e punição: “Tinhas gente controlanco, não te podias virar para trás”. Com frio, no Inverno, e a transpirar, no Verão, o trabalho nas cadeias de produção podia arrasar a saúde, como sucede com uma delas, com 30 anos, que tem varizes e engoma em pé, durante todo o dia. As idas à casa de banho são também controladas, repreendendo-se a empregada que se demore ou que se use com frequência.

Em todos os níveis, à coerção a partir *de cima* junta-se a concorrência entre as mulheres, que dificulta a sua organização. Competem para conseguir o posto de trabalho e depois para o manter com ritmos de produção muito elevados, ou para assegurar que permanecem no circuito de distribuição do trabalho ao domicílio. Só recorrem ao sindicato, ou a entidades que regulem o trabalho, em situações por demais gravosas – ou nem nessas, pois receiam não voltar a ser contratadas por outras empresas, pela sua reputação de rebeldes. Podem também recorrer à denúncia anónima, em situações limite, quando as condições ultrapassam os níveis que consideram mínimos.

Quando o emprego não era escasso, os níveis de tratamento desumano e de indignidade podiam levar as trabalhadoras a procurar rapidamente outro local. As noções de respeito e dignidade emergiram várias vezes nas entrevistas. Como anotam Susana Narotzky e Gavin Smith, quanto à zona da Vega Baja do Segura (2006 *passim*), aceitar a exploração significa admitir trabalho árduo, por longas horas, com salário baixo e com a deterioração da saúde, mas não pode implicar falta de respeito por quem o leva a cabo. Segundo Eric Hobsbawm expressa a penetração dos valores *standard* e de classe média, e indica igualmente uma atitude, sem a qual a classe trabalhadora teria dificuldade em organizar-se, e os movimentos colectivos seriam impossíveis de construir (Hobsbawm *apud* Narotzky e Smith 1996).

Há situações diferenciadas no que concerne ao que uma das entrevistadas denomina «trato humano», que determina o nível de dignidade exigido pelas trabalhadoras, equiparável à noção de *common decency* de Orwell, que assenta numa sociedade que seja, em simultâneo, livre, igualitária e convivial (cit. M chéa 2013: 76). Trabalhar por conta de outrem e aceitar níveis de trabalho que implicam longas horas de uma tarefa repetitiva, em que eventual ou

habitualmente
decência: «trato

Quando
de quem tem p
um discurso in
numa próxima
que é lesiva da
qualquer visão
psicológica, m
embora de esca

Para os
dependeu da m
externalizavam
dado produto e
Nesse caso, pr
várias cadeias
dois sindicalist
têxtil e do esti
descartarem de
libertação da n
que cabe aos s
que também fic
remetendo-os p
social pelos tr
contribuições p

Ainda a
longo dos ano
inferiores, das
crescendo de ri
de-obra local, c

habitualmente não se cumprem as leis do trabalho, tem porém como limite essa noção de decência: «trato humano», abaixo do qual não se aceita descer.

Quando alguém é insultado, ou tem a percepção de ter sofrido uma afronta por parte de quem tem poder e autoridade - sobretudo perante terceiros - desenvolve frequentemente um discurso imaginário em que diz o que não pode dizer em público, ou que poderia dizer numa próxima oportunidade. Na impossibilidade de finalizar de imediato com uma relação que é lesiva da dignidade, recorre-se ao *hidden transcript* (Scott 1990), conceito essencial em qualquer visão dinâmica das relações de poder. Procura-se com ele um processo de satisfação psicológica, mais ou menos seguro, eventualmente arrasador da reputação dos empregadores, embora de escassos efeitos práticos.

Para os que se lançaram na manufactura ao longo dos anos 1980 e 1990, o negócio dependeu da mecanização, da sua resposta ao ritmo de produção imposto pelas empresas que externalizavam trabalho e da iniciativa. Frequentemente, a empresa que encomendava um dado produto a uma manufactura exigia vinculação, ou seja, uma fidelização de produção. Nesse caso, procurar a confecção de roupa de outras empresas, conjugando o trabalho em várias cadeias dentro de uma oficina, não seria iniciativa, mas suicídio. Como salientaram dois sindicalistas, o que designaram como «*milagre*» da grande companhia galega ligado ao têxtil e do estilista local radica na conjugação de três factores: (1) na sua capacidade de se descartarem de custos de produção, externalizando tarefas nos quatro níveis inferiores; (2) na libertação da necessidade de recurso ao crédito para instalar unidades fabris e as apetrechar, que cabe aos subempregados; (3) na superação dos custos sociais envolvidos na produção, que também ficavam na íntegra a cargo dos subempregados, e de que estes se descarregavam, remetendo-os para as próprias trabalhadoras. Na actualidade, a quantia fixa devida segurança social pelos trabalhadores independentes constitui um óbice acrescido ao pagamento das contribuições por parte das costureiras, pois em alguns meses podem não ganhar para tanto.

Ainda assim, o momento de crescimento da grande companhia e do estilista local, ao longo dos anos 1980 e 1990, permitiu algum florescimento e replicação, em patamares inferiores, das manufacturas locais. Com grande agudeza, uma trabalhadora explica esse crescendo de riqueza local, que engrandeceu alguns, ao mesmo tempo que disciplinou a mão-de-obra local, com base no medo e na ameaça velada:

Aqui, fez-se muita gente rica nos anos 1980 e 1990 à custa da confecção. Tinhas de fazer umas peças por dia, mas, se fazias cem, depois fazias 120, e as pessoas eram exploradas, faziam-lhes dar horas. Assinavas uma coisa, recebia outra. Nunca eras compensada das horas, nem economicamente, nem em descanso, nem em nada de nada. Os contratos todos eram de segunda a sexta-feira, 40 horas semanais, mas toda a gente trabalhava aos sábados. Essa era outra coisa: se não ias trabalhar aos sábados, olhavam-

te de lado. Ou seja: «No sábado temos que trabalhar». «Não, eu tenho que ir...». «Bem, tu verás...». Recordo-me de uma coisa que me dizia o primeiro chefe que tive: «Se tu te fores embora amanhã, tenho 40 à porta para trabalhar». Era a frase de muitos.

Se, no caso da construção civil, era aparentemente da conveniência dos trabalhadores declarar ao fisco menos do que recebiam, já no caso da confecção, o ludíbrio no pagamento de impostos era lesivo das próprias operárias, forçadas a declarar mais do que auferiam na realidade, abaixo do convénio laboral do seu sector. Em consequência, tinham de despende impostos por valores que não cobravam.

4. ECONOMIA MORAL E ECONOMIA «MARGINAL»

Entrevistado em maio de 2012, um sindicalista galego refletia sobre os tempos atuais, que assimilava ao paleolítico, pelo retorno a formatos de esbulho ecuménicos e pela recusa de uma fase produtiva, por parte do capitalismo. Referia-se ao recuo da produção, alie na Europa em geral, devido à complementaridade deste fenómeno noutros pontos do globo, com sobreexploração da mão-de-obra. De facto, no dia 23 de Abril de 2013, ruiu o edifício *Rana Plaza*, de 8 pisos, nos arredores de Lacca, no Bangladesh, matando 370 pessoas, segundo os números iniciais⁷¹. Dezassete dias depois, resgatada uma costureira que aguentara sob os escombros, os números haviam crescido drasticamente: 1050 mortos, segundo o *El País*, de 11 de Maio de 2013, e mais de 2400 feridos. Nos dias que se seguiram, em vez de continuarem a coser em condições laborais tremendas, alguns dos 3,6 milhões de trabalhadores da indústria têxtil – sobretudo mulheres – cujo salário ronda os 32 euros por mês, vieram para a rua, manifestar-se raivosamente contra uma tragédia anunciada. Estas fábricas do Bangladesh produzem roupa para algumas marcas ocidentais – *El Corte Inglés*, *Mango*, *Benneton*, *Primark*, *Loblaw*, grupo *PWT* –, que se descartaram de responsabilidades na tragédia, referindo que a fábrica que abateu tinha passado numa auditoria destinada a melhorar as condições laborais (*El País* 27.04.2013). Lembavam que compete às entidades locais inspecionar os imóveis. Na véspera do desabamento, vários empregados alertaram os seus chefes e gerentes para a existência de fendas. Tal como as forças de segurança, aqueles ignoraram os avisos, e as oficinas continuaram a funcionar. Shoel Rana, dono do edifício e dirigente da organização juvenil do partido no poder, a *Liga Awami*, foi encontrado pela polícia perto da fronteira, quando pretendia fugir para a Índia. Quiçá para pô-lo a salvo da *fúria popular*, a primeira-ministra havia ordenado a sua detenção. No Bangladesh, 70% das

⁷¹ *Publico*, 27.4.2013, <http://www.publico.es/internacional/454466/un-espanol-entre-los-presuntos-responsables-de-la-catastrofe-de-bangladesh>, a-cedido em 29.4.2013.

exportações e 17% grave desde o Outubro. O incêndio em que morreu Tommy Hilfiger e outros independentes e a organização internacional *Roupa* constatavam que não a indústria «muito op...» Janeiro de 2013, for...

O retorno ao *sobretabalho*, para Manifestava-se então refeição, na utilização prematuras, bem como do globo.

Embora os tr... para formas de ação sobretudo uma atitude nova ordem a proporção de economia caso das costureiras para o que poderia ser em países em que a acentuadamente, com chamam “direitos ad... capitalismo especulativo protestante, mas basto *capitalismo*” referido ser-se honesto, porqu pontualidade, a apli

⁷² <http://www.ropalimpia>

⁷³ <http://www.publico.es/i-donde-se-fabricaba-ropa-i>

exportações e 17% do PIB dependem da indústria têxtil, tendo sido este o terceiro acidente grave desde o Outono de 2012, segundo o *El País*. Segundo a mesma fonte, depois de um incêndio em que morreram cerca de 100 trabalhadores, em Novembro de 2012, marcas como *Tommy Hilfiger* e *Calvin Klein* teriam assinado um compromisso para permitir auditorias independentes e a organização dos trabalhadores (?). Eva Kreisler, da filial espanhola da rede internacional *Roupa Limpia*⁷², realçava que quando os administradores de uma fábrica constataavam que não conseguia cumprir o prazo previsto, subcontratava outra, tornando a indústria «muito opaca» e essas auditorias (*El País* 27.04.2013). Na fábrica que ardeu, em Janeiro de 2013, foram encontradas etiquetas da *Inditex*⁷³.

O retorno ao paleolítico, a que se referia o sindicalista, lembra a *fome canina de sobretrabalho*, para usar a expressão de Karl Marx, cento e cinquenta anos depois. Manifestava-se então na dilatação do horário, na retirada dos momentos de descanso e de refeição, na utilização do trabalho das crianças, que tinham como desfecho a velhice e a morte prematuras, bem como a infelicidade das famílias. Nada que tenha mudado muito, em parte do globo.

Embora os trabalhadores de Dacca e de outros pontos do Bangladesh tivessem partido para formas de ação coletiva, e ocupado as ruas nos dias a seguir à tragédia, há na atualidade sobretudo uma atitude defensiva por parte dos subalternos, não parecendo existir nem uma nova ordem a propor, nem uma ordem tradicional a legitimar a ação (Baptista 2013:40-41). A noção de economia moral. (Thompson 1971) parece aparentemente ultrapassada, embora no caso das costureiras de Dacca a revolta tenha sobrevivido, deixando as autoridades em alerta para o que poderia seguir-se. A protecção dos que trabalham, através de alguma legislação, em países em que a imposição de códigos do trabalho se foi fazendo, parece ir recuando acentuadamente, com uma perseguição àquilo que desafortadamente os membros dos governos chamam “direitos adquiridos”, o que torna o futuro um “país estrangeiro” (Fontana, 2013). O capitalismo especulativo foi uma prática condenável pela *economia moral*, e mesmo pela ética protestante, mas bastou uma geração para que essa situação se alterasse. Para o “*espírito do capitalismo*” referido por Max Weber havia uma asserção moral com cunho utilitário: devia ser-se honesto, porque essa era a forma de obter mais crédito, e o mesmo se passava com a pontualidade, a aplicação ao trabalho ou a frugalidade, consideradas virtudes (Weber

⁷² <http://www.ropalimpia.org/en/>

⁷³ <http://www.publico.es/internacional/449827/arrestados-los-duenos-de-la-fabrica-incendiada-en-bangladesh-donde-se-fabricaba-ropa-de-inditex>

1905:35). Na fase atual, as fantasias da abundância sem esforço e de derrotar o capitalismo jogando o seu jogo, defendem uma capacidade “natural” de gerar lucro sem esforço humano investido (Hardt, 1995:39), atribuindo ao trabalho um papel lábil, numa equação ilusória entre a produção e o consumo (Comaroff e Comaroff 2001): a ordem económica do tempo atual parece ter conseguido concretizar o projeto intrínseco ao capital, como se a evolução da formação social se processasse, sem que o trabalho fosse a sua dinâmica principal.

A economia dita informal ou marginal foi adquirindo proeminência nas sociedades ocidentais, com sectores da economia que antes operavam através de instituições relativamente estáveis, hierárquicas e burocráticas, a serem substituídos por alternativas menos visíveis, menos permanentes e menos estáveis (Portes, Castells e Benton 1989). Essas modalidades estão a ganhar terreno e, sob distintos graus e formas, passaram a integrar a vida das pessoas, mesmo ao nível das economias nacionais, no que parece ser uma forma ainda mais rapace do capitalismo (Narozky e Smith 2006).

O medo supura a partir dos locais de trabalho (Linhart 1978:67), mas também de maneira mais intersticial, fundamental e perceptível, das vidas vividas, mantendo subjugados os seres humanos. É um medo aprendido, a que não é alheio um clima gerado aqui por um processo histórico longo. Numa forma que se escusa à legalidade, mas que os meios das próprias inspeções do trabalho têm dificuldade em denunciar, esta *economia marginal* tornou-se intrinsecamente *central*, constituindo a base de fortunas consideráveis e mantendo a ilusão por parte de setores intermédios de que lograrão um idêntico lugar. Dita igualmente «informal», tem então uma conotação dupla. Por um lado, indica que é difícil descortinar-lhe o formato, com contornos dúbios, indefinidos; por outro, é remetida para um universo doméstico, amigável ou de convivência chegada. Quando as entidades encarregadas da vigilância do cumprimento das condições do trabalho se debatem com grande falta de meios humanos e materiais, a informalidade é igualmente um recurso para os membros dos grupos sociais subalternos. Sem alarde, sem denúncia, ludibriando um sistema que aparentemente serviria para os proteger de situações gravosas, confirmam a crítica neoliberal ao aparelho jurídico que foi sendo construído ao longo dos últimos 150 anos: o direito *do* trabalho prejudica o direito *ao* trabalho (Boltanski e Chiapello 1999:306)⁷⁴.

⁷⁴ Como nota Cristina Borderias, o Estado espanhol tentou regular o trabalho das mulheres, contra os patrões e contra elas próprias, acabando por reconhecer o seu direito ao trabalho, mas subordinando-o dentro de uma economia familiar (Borderias 2007:14-24). Uma idêntica situação foi detetada por Inês Fonseca para as mulheres que cosiam ou faziam tricot à máquina ao domicílio, numa freguesia a sul de Lisboa (Fonseca 2012).

No dia 19
anunciavam que o
«privilégios» aos
consoante fosse pr
é assim louvada er
entrar ao serviço,
situações variadas
direitos, que todos
aguentar o desemp

Ficar ou p
fazem pessoas (N
resultado de um c
responder diariam
vezes, radical, con
culturais e de insti
de um ex-ministro
característica basi
localizada. Os cap
sucede com emp
outsourcing. As p
trabalho.

As transfor
apontava E. P. Tho
(cit. Baptista 201
província de Alic
regional «flexível»
nem sempre agrad
facilidade, e as vid
habitus, através do
ser pegajosas, suste
mudança das soci
dispositivos post
reserva de conheci
relação entre os qu

No dia 19 de Agosto de 2013, jornais espanhóis, como o *Publico.es* e o *El Pais*, anunciavam que o presidente da associação patronal espanhola declarara ser necessário retirar «privilégios» aos trabalhadores indiferenciados, aplicando contratos ao mês, ao dia ou à hora, consoante fosse preciso. A palavra «flexibilidade», positivada face à sua antónima, a rigidez, é assim louvada em todo o seu esplendor, com seres humanos sempre disponíveis e prontos a entrar ao serviço, sem vida além dos desejos e necessidades dos contratadores. O relato de situações variadas inclui a precariedade, com a qual já se aprendera a viver, a escassez de direitos, que todos os dias são sonogados, a partida dos mais preparados, que se cansaram de aguentar o desemprego e as más condições de trabalho.

Ficar ou partir são escolhas, e as pessoas fazem escolhas, mas as escolhas também fazem pessoas (Narotzky e Gavin 2006). Os mundos criados por essas escolhas são o resultado de um conjunto de processos, a que a história não é alheia. A necessidade de responder diariamente a condições de mudança, de oportunidade e de corte acelerado e, por vezes, radical, com situações anteriormente conhecidas, convoca um conjunto de práticas culturais e de instituições. Sair da «zona de conforto», em paráfrase do convite ou exortação de um ex-ministro português em relação aos desempregados, é porém incongruente com uma característica basilar do sistema atual: o capital circula rapidamente, a mão-de-obra é localizada. Os capitais fraudulentos circulam com facilidade e em total liberdade. O mesmo sucede com empresas em que o investimento fixo é mínimo, devido ao recurso ao *outsourcing*. As pessoas concretas são muito menos móveis, e é o capital que vence o trabalho.

As transformações sociais não decorrem de projetos a construir na história mas, como apontava E. P. Thompson, são definidas pelas pessoas enquanto vivem a sua própria história (cit. Baptista 2013:43). Como sugerem Susana Narotzky e Gavin Smith para o caso da província de Alicante, a construção das condições sociais que originam uma economia regional «flexível», «sensível», «adaptável» resulta de experiências históricas específicas e nem sempre agradáveis (Narotzky e Smith 2006:177). O eixo da terra não é deslocado com facilidade, e as vidas das pessoas, embora suscetíveis às alterações, enquadram reflexos de um *habitus*, através do qual delineiam estratégias, com base nas possibilidades. As rotinas podem ser pegajosas, sustendo os seres humanos sem esperança e sem descortinarem a capacidade de mudança das sociedades, presos a estratégias de curto prazo e de navegação à vista. Os dispositivos postos em ação, neste «berço de modistas» da zona de Verín, recorreram à reserva de conhecimentos localizada, seja em termos técnicos, seja da rede social. Entender a relação entre os quotidianos que permitem resistir em tempos difíceis – ou seja, reportando-

nos ao étimo, ficar de pé e construir as modalidades de subsistência – e a passagem a momentos acesos de luta, quando os seres humanos são empurrados além dos seus limites, do «trato humano», da «economia moral», da «common decency», exige que se suba o rio da história.

Num presente que parece um beco sem saída, vazio de futuro,

O recerto entre a sociedade e a economia anunciado pela evocação da economia moral parece assim comprometido, tanto pelo objectivo e o âmbito das referidas normas, como pelo modo como estas podem surgir e ser concretizadas. Não é, assim, possível uma economia moral imposta pela sociedade. Tudo parece passar, afinal, pelo futuro que pode decorrer da luta persistente e continuada pela cidadania e pelo direito a viver com dignidade.” (Baptista 2013: 46).

Numa obra recente, Michel Agier alerta-nos para este momento longo de incerteza que se instalou no mundo, com vidas que permanecem precárias durante cada vez mais tempo, numa rotinização da precariedade, que lhe vai retirando a estranheza, no qual as materialidades provisórias penetram áreas variadas (Agier 2013:5). Se a etnografia deste texto se reporta a uma localização de fronteira, as vidas parecem paradoxalmente instaladas na liminaridade, no sentido que Arnold van Gennep e Victor Turner deram ao termo. Os interstícios urbanos, as economias informais ou as margens do Estado, são realidades desta grande avançada da fragilização mundial, num tempo em que os contornos de um proletariado global são fantasmáticos. As pessoas entrevistadas vão organizando as suas vidas, marcadas pela incerteza do momento e numa remissão para o imediato (Agier 2013:11). Porém, o *desiderium*, sonho antecipado (Bloch 1976), como pano de fundo da existência, não desapareceu. Em Verín, lida-se e olha-se para a frente. Compreende-se que são os fios, os nós e os tecidos que constroem os lugares e que nos remates de cada peça ficam pendentes linhas, que podem servir para outras roupas, por não ser jamais única a utilização possível. As vidas, as relações, a história e as histórias – os sonhos para o futuro, cruzam linhas, talham, dão nós, alinham, chuleiam, forram, cortam a linha novamente. Cosem a direita e fazem zig-zag, caseiam e pregam botões. Na espera do que virá, encontram-se vestígios do que já é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FILMOGRAFIA

- Agier, Michel. 2013. *La condition cosmopolite – L’anthropologie à l’épreuve du piège identitaire*, Paris : La Découverte.
- Beaud, Stéphane e Michel Pialoux. 2012 [1977] *Retour sur la condition ouvrière*, Paris : La Découverte.
- Baptista, Fernando Oliveira. 2013. *O destino camponês*. Castro Verde: 100Luz.

- Bloch, Ernst. 1929. *La civilização e a vida moral*. Gallimard.
- Boltanski, Luc e Élie de Laetitia. 2008. *Borderías, Crises e Resistências (1836-1936)*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Bufarda, Illa. 2013. *Setem*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Burawoy, Michèle. 2003. *Monopoly*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Comaroff, Jean. 2006. *Neoliberalism*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Concello de Verín. 2013. *s/l; s/ed.*
- Fernández Prieto, Juan. 2013. *tecnológica*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Fonseca, Inês. 2013. *classe e território*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Fontana, Josep. 2013. *comienzos*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *Medina e o Território*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *marx e o território*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *Imprensa e Território*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *passado: a memória e o território*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *Usos da Memória*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *Limites» do território*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Sousa, Maria. 2013. *galego-português*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *amenity, he*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *Border K*. Belfer Center for Science and International Affairs.
- Godinho, Paula. 2013. *Renational*. Belfer Center for Science and International Affairs.

- Bloch, Ernst. 1976 [1938-1947, revisto 1953-1959]. *Le principe Espérance I*. Paris: Gallimard.
- Boltanski, Luc e Eve Chiapello. 1999. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard.
- Borderías, Cristina. 2007. *Genero y Políticas del Trabajo en la España Contemporanea (1836-1936)*. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Bufarda, Illa. 2015. *Fíos fora*. documentário em galego/castelhano, 90', produção Amarante Setem.
- Burawoy, Michael. 1979. *Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process Under Monopoly Capitalism*. Chicago: University of Chicago Press.
- Comaroff, Jean y John L. Comaroff. 2001. *Millennial Capitalism and the Culture of Neoliberalism*. Durham: Duke University Press.
- Concello de Verín et al.. 2009. *Estudo Socioeconómico – Plan de Actuación Verín 2009-2014*. s/l; s/ed.
- Fernández Prieto, Lourenzo. 1992. *Labregos con ciencia. Estado, sociedade e innovación tecnolóxica na agricultura galega, 1850-1939*. Vigo: Xerais.
- Fonseca, Inês. 2012 “O mistério da Estrada Nacional 11-1– ou de como as memórias têm classe e também têm género” in Paula Godinho, coord. *Usos da memória e Práticas do Património*. Lisboa: Colibri: 133-144.
- Fontana, Josep, 2013, *El futuro es un país extraño – Una reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI*. Barcelona: Pasado & Presente.
- Godinho, Paula. 2009. “Entre Chaves e Verín: da fronteira útil à fronteira fútil” in Eusébio Medina e Javier Marcos, ed. *Fronteras, Patrimonio y Etnicidad. Procesos de Construcción de la Identidad en Iberoamérica*. Badajoz: Universidad de Extremadura.
- Godinho, Paula. 2011. «Oír o galo cantar dúas veces» -Identificacións locais, culturas das marxes e construción de nacións na fronteira entre Portugal e Galicia. Ourense: Imprenta da Deputación.
- Godinho, Paula. 2012. “Contextos da memória, lugares dessubstanciados e re-significação do passado: a fronteira como amenidade, insígnia e património” in Paula Godinho, coord. *Usos da Memória e Práticas do Património*. Lisboa: Colibri:225-242.
- Godinho, Paula. 2014^a. “Fronteira, políticas de centro e práticas da cultura: o «Tratado de Limites» de 1864, o interesse dos Estados e a resistência das populações” in Xulio Sousa, Marta Negro Romero e Rosario Álvarez (ed.), *Lingua e Identidade na fronteira galego-portuguesa*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: 75-70.
- Godinho, Paula. 2014^b. “Re-signification of the past in the northern Portugal/Galicia border: amenity, heritage and emblem” in Katarzyna Stoklosa e Gerhard Besier, org *European Border Regions in Comparison – Overcoming Nationalist Aspects or Renationalization?* London: Routledge: 149-168.

- Godinho, Paula. Heriberto Cairo. 2013. "El Tratado de Lisboa de 1864: La Demarcación de la Frontera y las Identificaciones Nacionales", *Historia y Política*, nº 30: 23-54.
- HARDT, Michael. 1995. "The withering of civil society", *Social Text*, nº 45: 27-44.
<http://www.onthepulse.es/gossip/who-are-ten-richest-people-spain-141106>, accedido em 19 de Setembro de 2015.
- <http://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/economia/2015/06/03/amancio-ortega-segunda-persona-rica-mundo/00031433340124:07225265.htm>, accedido em 13 de Julho de 2015
- http://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/economia/2015/09/18/ortega-cerca-pillar-gates-hombre-rico-planeta/0003_201509G1EP35994.htm, accedido em 19 de Setembro de 2015.
- http://economia.elpais.com/economia/2015/09/15/actualidad/1442298632_575629.html, accedido em 19 de Setembro de 2015.
- http://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/economia/2015/10/09/amancio-ortega-camino-hombre-rico-mundo/0003_201510G9P34993.htm, accedido em 19 de Outubro de 2015.
- <http://www.publico.es/internacional/454466/un-espanol-entre-los-presuntos-responsables-de-la-catastrofe-de-bangladesh>, accedido em 29.4.2013.
- Jeudy-ballini, Monique e Nicolas F amant. 2002. "Travailler à l'usine - Le charme discret des entreprises: L'ethnologie en milieu industriel", *Terrain*, Nº 39, 2002: 5-16
- Koselleck, Reinhart. 1979 [1983]. *Futuro pasado – Para una semantica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós.
- Lequin, Yves. 1983. "Les citadins, les classes et les luttes sociales" in Georges Duby et Maurice Agulhon, dir. *La ville de l'âge industrielle: le cycle Haussmannien*. Paris: Seuil (Histoire de la France Urbaine vol IV) : 471-560.
- Linhart, Robert. 1978. *L'Etabli*. Paris: Le Seuil.
- Marx, Karl, s/d [1867-1894]. *O Capital*. 2 volumes, s/l, Delfos.
- Michéa, Jean-Claude. 2013. *Les mystères de la gauche – De l'idéal des Lumières au triomphe du capitalisme absolu*. Paris: Climats.
- Moch, Leslie P. E Louise A. Tilly. 1985. "Joining the Urban World: Occupation, Family and Migration in Three French Cities", *Comparative Studies in Society and History*, 27-1:33-56.
- Murado, Miguel-Anxo. 2013. *Outra idea de Galicia*. Barcelona: Debate.
- Narotzky, Susana e Gavin Smith. 2006. *Immediate struggles – People, Power and Place in Rural Spain*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- Portes, Alejandro, Manuel Castells y Lauren A. Benton. Eds. 1989. *The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Sánchez-Andrade, Cristina. 2014. *Las Inviernas*. Madrid: Anagrama.
- Scott, James C. 1990. *Domination and the Arts of Resistance – Hidden Transcripts*. New Haven and London: Yale University Press.

Thompson, E.P.,
Books

Thompson, E.P.,
Lisboa: Ant

Upd Limia Veri
Galicia/UE

Upd Limia Veri
Galicia/UE

Walman, Sandra,
Press.

Weber, Max. 190
protestante

- Thompson, E.P.. 1968, [1991]. *The Making of the English Working Class*. Toronto: Penguin Books
- Thompson, E.P.. 1971 [2008]. *A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII*. Lisboa: Antígona.
- Upd Limia Verín. 2011⁴. *Plan de Emprego*, s/l, Emprego Limia Verín/UPD/Xunta de Galicia/UE: documento policopiado, 102 pp.
- Upd Limia Verín. 2011⁵. *Plan de Traballo*, s/l, Emprego Limia Verín/UPD/Xunta de Galicia/UE: documento policopiado, 204 pp.
- Walman, Sandra, ed.. 1979. *Social Anthropology of Work*. London e New York: Academic Press.
- Weber, Max. 1905 [1983]. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* [Ed. port. A ética protestante e o espírito do capitalismo, Lisboa: Presença.]